

O “Cache Nordeste”: representações nordestinas produzidas por inteligências artificiais¹

Edielson Teixeira MOTA²
Edilane Carvalho TELES³
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Este trabalho investiga as representações visuais do semiárido nordestino geradas por inteligências artificiais, a partir da ideia de que tais imagens reproduzem um imaginário estereotipado e homogêneo sobre a região. Propõe-se o conceito de “cache Nordeste” para nomear essa repetição simbólica nos resultados gerados por IA. Com abordagem qualitativa e análise semiótica, a pesquisa se apoia em autores como Hall (2016), Santaella (2001), Certeau (1994) e Mignolo (2017), discutindo representação, signos e colonialidade. A partir da análise de imagens produzidas por ferramentas como DALL·E e Midjourney, identificam-se padrões que reforçam visões exotizadas e limitadas do semiárido. A pesquisa contribui para o debate crítico sobre os impactos culturais dos dados que treinam as IAs e os apagamentos que produzem.

PALAVRAS-CHAVE: inteligência artificial, representações, nordeste, estereótipos, semiárido.

INTRODUÇÃO

Com a crescente popularização de inteligências artificiais generativas, como o Chat GPT, questões sobre o que essas tecnologias reproduzem e omitem têm ganhado relevância nos campos da comunicação e da cultura. Ao digitar comandos com palavras-chave como “Nordeste” ou “semiárido”, surgem imagens que reforçam um repertório já cristalizado e limitado sobre a região. Este trabalho investiga essas representações, propondo o conceito de “cache Nordeste”, uma metáfora para o armazenamento simbólico e repetitivo de imagens estereotipadas que a IA recorre ao gerar conteúdo sobre o semiárido.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Semiárido, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Mestrando em Educação Cultura e Territórios Semiáridos na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), membro do Grupo de Pesquisa Polifonia, email: edielsonjornalista@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Uneb. Líder do Grupo de Pesquisa Polifonia (Uneb) e membro do Mediações Educomunicativa (ECA-USP). Líder do Grupo de pesquisa Polifonia - Observatório de Educação e Comunicação (EDUCOM/DCHIII/UNEB), e-mail: ecteles@uneb.br.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica parte do conceito de representação desenvolvido por Hall (2016), no âmbito dos estudos culturais, que compreende as representações como construções simbólicas atravessadas por relações de poder, identidades e ideologias. Para o autor, os significados não são fixos ou neutros, mas disputados socialmente, sendo produzidos e interpretados em contextos específicos. Nesse processo, “[...] que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e ‘deem sentido’ às coisas de forma semelhante” (Hall, 2016, p. 20), o que evidencia o papel central das representações na manutenção ou contestação de determinados sentidos na cultura.

A perspectiva de Hall (2016), é ampliada por Santaella (1983), que nos ajuda a compreender como os signos operam na construção e circulação desses sentidos. Para a autora, os processos de significação não são lineares, mas atravessados por dimensões perceptivas, cognitivas e culturais que influenciam diretamente a maneira como interpretamos imagens, discursos e símbolos. Essa leitura encontra fundamentos na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce. Segundo Peirce (2005, p. 46), o signo que constitui a linguagem “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”.

Além de compreender as representações como construções simbólicas e signos que operam em processos complexos de significação, é importante considerar como esses sentidos são apropriados e ressignificados no cotidiano. Michel de Certeau (2012) contribui para essa discussão ao enfatizar que a cultura se constitui nas práticas ordinárias dos sujeitos, nas suas “artes de fazer”, ou seja, nas maneiras criativas com que os indivíduos lidam com os discursos e imagens que circulam na sociedade.

Em *A invenção do cotidiano*, Certeau distingue “lugar” e “espaço” para evidenciar essa dinâmica: “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (Certeau, 1998, p. 201). O espaço, ao contrário, é o lugar praticado, constantemente (re)construído pelas ações cotidianas.

De acordo com Albuquerque Júnior (1999), existe “(...) uma visibilidade e uma dizibilidade do Nordeste que direcionam comportamentos e atitudes em relação ao nordestino e dirigem, inclusive, o olhar e a fala da mídia” (p. 22). Essa estratégia de

estereotipação se sustenta em um conjunto de signos e discursos recorrentes, difundidos socialmente como referências visuais e narrativas sobre a região, com forte apelo à repetição e à naturalização.

Nesse sentido, é pertinente recorrer à discussão sobre *colonialidade do saber*, formulada por Aníbal Quijano (2005), que aponta a permanência de estruturas de dominação cultural e epistêmica mesmo após o fim do colonialismo formal. De acordo com o autor, o colonialismo compreende uma relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os povos conquistados de todos os continentes, caracterizando-se, portanto, como um fenômeno datado.

É nesse contexto que surge a proposta de *decolonialidade*, entendida como uma atitude teórica e prática de ruptura frente às narrativas hegemônicas impostas aos povos colonizados. Como afirma Walter D. Mignolo (2007), o pensamento decolonial emerge como um movimento de contraposição inerente à fundação da própria modernidade, ganhando força especialmente na América Latina e em contextos africanos e asiáticos. A decolonialidade propõe a desconstrução ativa dos padrões de tempo, espaço e subjetividade que situam a Europa, e posteriormente os Estados Unidos, como centros civilizatórios universais, apagando as histórias e cosmologias de outras regiões do mundo (Mignolo, 2007).

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque interpretativo e crítico, centrando-se na análise das representações do semiárido nordestino geradas por ferramentas de inteligência artificial. O objetivo é compreender como essas imagens reproduzem, tensionam ou ressignificam discursos historicamente construídos sobre a região.

O corpus da pesquisa é composto por imagens geradas por IA (Chat GPT), a partir de comandos (prompts) que incluem termos como “Nordeste”, “semiárido”. Foram selecionadas duas imagens resultantes desses prompts, priorizando aquelas que evidenciam elementos simbólicos recorrentes nas representações da região, como a seca, a terra rachada, a estética da pobreza e a religiosidade.

A análise semiótica será conduzida a partir da tríade peirceana: representação (o signo em si, o que é apresentado à percepção), objeto (aquilo que o signo representa)

e interpretante (o efeito que o signo produz na mente do intérprete). Para além dessa estrutura, considera-se também o enquadramento cultural e histórico que informa a construção e a recepção dessas imagens, conforme propõem Santaella (2002) e Hall (2016). Os critérios de análise semiótica utilizados foram a: identificação dos signos visuais predominantes, relação entre signo e referência cultural, produção de sentido, resíduos de colonialidade ou tensionamentos decoloniais.

ANÁLISE E PRINCIPAIS RESULTADOS

A análise das imagens geradas pelo Chat GPT com os prompts “Criança na escola no nordeste/semiárido” e “Crianças do nordeste brincando” evidencia como determinados signos visuais são mobilizados para construir uma narrativa recorrente sobre o Nordeste e o semiárido, muitas vezes ancorada em estereótipos históricos.

Figuras 1 e 2: imagens produzidas por inteligência artificial



Fonte: Chat GPT (2025)

A predominância de cores quentes, especialmente tons de laranja e marrom, é um dos primeiros aspectos a se destacar. Esses tons, associados ao chão de terra batida e à vegetação escassa, produzem uma ambientação que remete diretamente à aridez do semiárido, reforçando o imaginário da seca e da escassez.

Quanto à relação entre signo e as referências culturais, percebe-se que as imagens acionam elementos estéticos diretamente associados à ideia de pobreza. As construções simples, a escola com aparência precária e os espaços públicos degradados remetem a uma condição de carência estrutural, sugerindo que a vida no semiárido é marcada pela ausência de políticas públicas efetivas.

A imagem gerada da escola ultrapassa esse dado empírico, fabricando uma cena que mais se aproxima da ficção do que da realidade. Ela não representa apenas precariedade, mas o exagero dessa condição, que serve como base para sustentar um imaginário colonial sobre o Nordeste como espaço de atraso.

No que tange à produção de sentido, as imagens ativam uma cadeia de intérpretes culturais complexa. A expressão de alegria, pode, num primeiro olhar, ser interpretada como um sinal de superação. No entanto, a repetição desse tipo de composição, onde a felicidade está sempre presente, mesmo em cenários de privações, contribui para a romantização da pobreza. As imagens sugerem que, apesar das dificuldades extremas, os sujeitos nordestinos vivem em harmonia e plenitude. O signo que pode ser observado é que essas populações “sabem viver com pouco”, naturalizando a escassez e retirando da cena qualquer expectativa de transformação social. É nesse ponto que se evidenciam os resíduos de colonialidade. As imagens mantêm vivos os regimes coloniais de representação ao reforçarem a imagem do Nordeste como o “outro interno” do Brasil, exótico, simples, sofrido, mas alegre.

Dessa forma, as imagens analisadas não apenas refletem uma visão distorcida do Nordeste, mas atuam na reprodução ativa de imaginários coloniais. Esses elementos reforçam o “cache Nordeste”, uma espécie de banco imagético que a IA recorre de forma automatizada, reproduzindo signos já sedimentados sobre a região. O “semiárido” é quase sempre sinônimo de pobreza e sofrimento, enquanto outras dimensões, como cultura, inovação e diversidade, são invisibilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aponta que os sistemas de inteligência artificial reproduzem, de maneira automatizada, imaginários coloniais sobre o semiárido brasileiro. A proposta do conceito “cache Nordeste” ajuda a nomear esse fenômeno e abrir caminhos para tensionamentos epistemológicos em torno das tecnologias emergentes. Mais do que denunciar os estereótipos, é necessário pensar em estratégias de reprogramação simbólica.

Contudo, é preciso reconhecer que os efeitos dessas tecnologias vão além das imagens produzidas: elas refletem a forma como dados, algoritmos e decisões sociotécnicas têm sido moldadas a partir de lógicas de poder que atualizam desigualdades históricas. Como afirma Tarcízio Silva (2022), o racismo algorítmico não

se trata apenas de erros de programação ou vieses técnicos, mas da reprodução de uma “desinteligência artificial” que naturaliza opressões como o colonialismo e o racismo estrutural, vendendo-as como neutras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas, 7.ed. São Paulo. 2017.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34 LTDA, 1997, p. 21-85

MIGNOLO, Walter. La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes O Pagador de Promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983)**. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade), Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, C. A. **Combate à desinformação e o protagonismo social do sujeito: inter-relação entre os estudos culturais de stuart hall e a competência em informação e em mídia**. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 28, n., 2023.

Silva, Tarzício. In: **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.